



SÍRIA

Massacre de civis e confrontos entre forças de segurança leais ao governo interino e militantes leais ao ex-ditador Bashar Al-Assad deixam 1.454 mortos, incluindo 973 membros da minoria alaúita. Presidente promete justiça e clama por unidade

O retorno do horror

» RODRIGO CRAVEIRO

Saleh N., um estudante de medicina em Latakia, cidade situada na região ocidental da Síria, às margens do Mar Mediterrâneo, contou ao **Correio** que presenciou um “caos indescritível e tórridos” pelas ruas. “Nossos familiares tiveram suas casas roubadas e foram atacados. Dois jovens de nossa igreja foram assassinados. Vi uma pessoa amarrada a um carro e arrastada viva. Amigos que moram na área rural tiveram seus parentes executados”, relatou. Imagens divulgadas pelas redes sociais, cuja autenticidade não pôde ser confirmada, mostram corpos amontoados nas ruas, civis desarmados executados a sangue-frio e sírios da minoria alaúita sendo obrigados a engatinhar e rastejar.

Três meses depois da queda e da fuga do ditador Bashar Al-Assad, o horror retornou à Síria. Desde quinta-feira, uma matança de civis e confrontos entre as forças de segurança do governo interino e homens leais a Al-Assad deixaram 1.454 mortos, de acordo com a organização não governamental Observatório Sírio para os Direitos Humanos (OSDH) — 973 alaúitas e 481 soldados e combatentes pró-Assad. Relatos sustentam que famílias inteiras — em até três gerações — foram exterminadas. O presidente interino sírio, Ahmad al Sharaa, anunciou a criação de uma “comissão independente” para investigar os **massacres**. O OSDH acusa as forças simpatizantes de Al-Assad e grupos aliados pela matança de alaúitas. “O que está acontecendo no país (...) são desafios que eram previsíveis. Temos que preservar a unidade nacional, a paz civil, tanto quanto possível e, se Deus quiser, seremos capazes de viver juntos

neste país”, declarou Al Sharaa, durante discurso em uma mesquita em Damasco, onde protestos em memória dos mortos terminaram em violência.

Pouco depois, em vídeo publicado pela agência de notícias estatal síria Sana, o presidente prometeu justiça. “Vamos responsabilizar firmemente e sem indulgência todos os envolvidos no derramamento de sangue de civis”, afirmou.

Na rede social X, o secretário de Estado norte-americano, Marco Rubio, disse que os Estados Unidos condenam os “terroristas islâmicos radicais, incluindo jihadistas estrangeiros, que assassinaram pessoas no oeste da Síria”. “Os EUA apoiam as minorias religiosas e étnicas da Síria, incluindo suas comunidades cristã, drusa, alaúita e curda, e oferecem condolências às vítimas e famílias”, escreveu. “As autoridades interinas da Síria devem responsabilizar os autores desses massacres contra as comunidades minoritárias.”

Em entrevista à agência de notícias France-Presse, Rihab Kamel — uma mulher alaúita de 35 anos da cidade de Baniyas (oeste) — relatou que se escondeu por 48 horas no banheiro de sua casa com a família, enquanto homens das forças de segurança do novo governo vasculhavam o bairro em busca de membros da minoria religiosa. “Quando conseguimos fugir do nosso bairro de Al Qusur, vimos as ruas cheias de cadáveres”, disse. “Que crime as crianças cometeram? Será que elas também apoiam o regime (derrubado)? A comunidade alaúita é inocente”, acrescentou a mulher, que recebeu abrigo de uma família cristã.

De acordo com Mostafa Minawi, professor do Departamento de História da Universidade Cornell (nos Estados Unidos), o que começou como emboscadas por

Omar Haj Rhadour/AFP



Soldados leais ao governo interino instalam torre de artilharia sobre blindado em Latakia (oeste)

simpatizantes de Al-Assad contra forças do governo sírio rapidamente se transformou em **pogroms** (perseguição deliberada de grupo étnico ou religioso) anti-alaúitas. “Os vídeos e imagens vindos de Latakia e região são horríveis. Para uma opinião pública bombardeada pela violência contra civis palestinos nos últimos 17 meses, o mundo tornou-se insensível à documentação dos ataques a civis sírios e da violação do direito humanitário internacional”, afirmou ao **Correio**, por e-mail. A reportagem apurou que muitos alaúitas fugiram para a floresta, enfrentando frio e fome.

Minawi lembra que, quando uma ditadura se perpetua no poder, cria seus próprios simpatizantes, que constroem influência auxiliando as medidas opressivas do regime. “Era normal e esperado que esses elementos tentassem resistir a mudanças. Infelizmente, esses incidentes expuseram a fraqueza do novo governo, incapaz de controlar suas milícias.”

O ativista pró-democracia e analista político

Onde fica



sírio-americano Ammar Abdulhamid explicou ao **Correio** que muitos simpatizantes de Al-Assad não receberam qualquer perdão pelo envolvimento no derramamento de sangue cometido sob o regime extinto. “Essas pessoas não têm escolha, a não ser continuar lutando. Alguns fatores os ajudaram a recrutar homens para os massacres. Em primeiro lugar, a decisão do novo governo de demitir funcionários públicos, muitos dos quais eram alaúitas que

se viram sem renda e em péssimas condições de vida. Um segundo fator é o fracasso do governo em incluir moradores no policiamento e na administração de assuntos locais. Além disso, existe uma instigação do Irã no financiamento da chamada resistência contra o novo governo. Esses três fatores se combinaram para criar as condições para uma insurgência alaúita.”

Abdulhamid acrescentou que os ataques e emboscadas dos rebeldes alaúitas contra forças do governo (sunitas) foram a gota d’água para habitantes também sunitas das áreas costeiras, os quais foram vítimas do regime de Al-Assad por 14 anos. “É por isso que muitos deles se mobilizaram e começaram a atacar bairros e vilarejos alaúitas”, observou. O analista adverte para o “risco real de nova guerra civil”. “Há muitos atores domésticos e regionais com agendas e ambições conflitantes. Mas também há razões para crer que isso possa ser evitado. Os líderes atuais estão dispostos a admitir erros e a punir os responsáveis pelo massacre.”

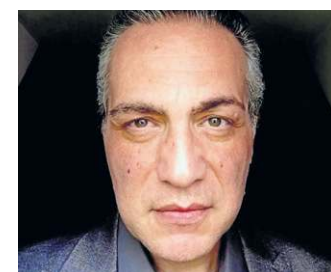
Eu acho...



Foto: Arquivo pessoal

“Os horrores que estamos testemunhando contra a população alaúita não seriam uma consequência inevitável da queda do regime de Al-Assad, caso o atual governo sírio cumprisse suas promessas de proteger as minorias da violência vingativa. Há uma falha da comunidade internacional em exercer pressão sobre a atual administração para que tais pogroms sejam evitados. Preocupo-me que estejamos entrando em uma era em que veremos cada vez mais esse tipo de violência contra civis ao redor do mundo.”

Mostafa Minawi, professor do Departamento de História da Universidade Cornell



“A melhoria das condições de vida contribuirá muito para dar ao povo sírio esperança e fornecer ao governo interino ferramentas para trabalhar pela reconciliação nacional. Isso exige a remoção de todas as sanções. A ideia de que as sanções poderiam ser usadas para obter concessões dos líderes atuais faz sentido apenas no papel. Na prática, a menos que a nova liderança seja capaz de melhorar as condições de vida e se envolver na reconstrução, não será capaz de criar as condições necessárias para a reconciliação e estabilidade nacional.”

Ammar Abdulhamid, ativista pró-democracia e analista político sírio-americano

Ataque-surpresa iniciou matança

A violência começou com um ataque, na quinta-feira, de apoiadores do ex-ditador Bashar Al-Assad às forças de segurança na cidade de Jableh, na província de Latakia, no oeste. A região é o berço da comunidade muçulmana alaúita, um ramo do islã xiita, da qual o clã Assad se origina. Al-Assad foi derrubado em dezembro de 2024 por uma aliança de rebeldes islamistas sunitas liderada pelo grupo radical Hayat Tahrir al Sham (HTS). Em seguida, fugiu para Moscou com sua família.

IGREJA CATÓLICA

Papa segue estável e agradece aos médicos

Andreas Solaro/AFP



Fiéis, freiras e padres oram pelo pontífice, diante do Hospital Gemelli

saúde, a quem agradeço do fundo do meu coração”, escreveu ele.

O líder dos 1,4 bilhão de católicos em todo o mundo foi internado no Hospital Gemelli, em Roma, em 14 de fevereiro, com uma bronquite que evoluiu para uma pneumonia bilateral.

O último boletim médico, divulgado na noite de sábado pela Santa Sé, indicou que Francisco estava apresentando uma “boa resposta” ao tratamento, com uma “melhora gradual e leve”.

Os médicos deram a si mesmos mais alguns dias para

confirmar o progresso do pontífice; portanto, seu prognóstico permanece “reservado”, embora a última crise respiratória tenha ocorrido na segunda-feira passada. Desde então, uma máscara de oxigênio o ajuda a respirar à noite, mas ele a troca por cânulas nasais de alto fluxo durante o dia, um suporte mais leve.

Tempo de internação

Os médicos não comentaram sobre a duração da internação de Jorge Bergoglio, nem quanto tempo poderá durar a convalescença, em meio ao Jubileu com milhares de peregrinos em Roma. Ontem, ele não presidiu a missa do Jubileu do Mundo do Voluntariado, que contou com milhares de peregrinos.

A hospitalização do papa, a quarta e mais longa desde 2021, levanta preocupações sobre problemas anteriores que enfraqueceram sua saúde: operações no cólon e no abdômen e dificuldades para caminhar.

Mark Carney, o próximo premiê do Canadá



Dave Char/AFP

O Partido Liberal — à frente do governo no Canadá — escolheu Mark Carney como novo líder da formação e, portanto, futuro primeiro-ministro do país. Ele substituirá Justin Trudeau, em um momento de fortes tensões com o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Carney, ex-diretor do Banco do Canadá e do Banco de Inglaterra, de 59 anos, obteve 85,9% dos votos dos militantes do partido, anunciou seu presidente, Sachit Mehra. Ele se tornará premiê nos próximos dias, depois de uma transferência de poder, uma vez que o governo seja formado. “Não podemos permitir que Trump vença”, advertiu Carney, durante seu discurso de vitória em Ottawa. “Os americanos querem nosso país”, acrescentou. O político defendeu que o Canadá deve “construir uma nova economia e criar novas relações comerciais”. Carney era favorito desde janeiro, quando se soube da renúncia de Trudeau, após 10 anos no poder e em pleno caos político.